

MANUSCRITO 2437
**O BATISMO E A TENTACÃO DE CRISTO
NO EVANGELHO SEGUNDO MARCOS
(CAPÍTULO 1, VERSÍCULOS DE 9 A 13)**

Paulo José Benício (UPM)

9. E aconteceu naqueles dias que Jesus, tendo ido de Nazaré da Galiléia, foi batizado por João no Jordão. 10. E, logo que saiu da água, viu os céus abrindo-se, e o Espírito, como pomba, descendo sobre ele. 11. E se ouviu uma voz dos céus, que dizia: Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo. 12. E logo o Espírito o impeliu para o deserto. 13. E ali esteve no deserto quarenta dias, tentado por Satanás. E vivia entre as feras, e os anjos o serviam. (Marcos 1.9-13)

RESUMO

O mais antigo manuscrito pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é um códice em pergaminho, escrito com caracteres minúsculos, contendo os quatro Evangelhos e datado do século XII. Foi doado àquela instituição em 1912, por João Pandiá Calógeras, conhecido intelectual e político brasileiro, de ascendência grega. Em 1953, Kurt Aland repertoriou-o, atribuindo-lhe o número 2437. Aqui será analisada a perícopes sobre o batismo e a tentação de Cristo conforme o Evangelho de Marcos nesse documento.

Palavras-chave: manuscrito, batismo, tentação, Cristo, Evangelho

TIPOS DE TEXTO DO NOVO TESTAMENTO GREGO

Os historiadores, arqueólogos e teólogos dispõem, em língua grega, de cerca de 5.700 manuscritos do Novo Testamento¹⁷, os quais podem ser classificados em quatro modalidades de texto: o *cesaren-*

¹⁷ Os principais manuscritos do Novo Testamento grego são: (1) unciais letrados: a – Sinaítico (séc. IV); A – Alexandrino (séc. V); B – Vaticano (séc. IV); C – Ephraemi Syri Rescriptus (séc. V); D – Bezae Cantabrigiensis (sécs. V e VI); (2) papiros: p⁴⁵ – Chester Beatty (séc. III); p⁴⁶ – Chester Beatty (c. 200 d.C.); p⁴⁷ – Chester Beatty (séc. III); p⁶⁶ – Bodmer II (c. 200 d.C.); p⁷⁵ – Bodmer XIV-XV (séc. III).

se, o *ocidental*, o *alexandrino* e o *bizantino*. Os estudiosos, no afã de resgatar os *autógrafos* (*documentos originais*) do Novo Testamento grego, têm lançado mão, principalmente, dos textos alexandrino e bizantino.

No século XIX, a maior parte dos exegetas deu continuidade às pesquisas de Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort sobre o texto alexandrino; isso não obstante a ferrenha oposição de John William Burgon, defensor infatigável da forma textual bizantina.

Antes de mais nada, é necessário entender que *bizantino*¹⁸ diz respeito à forma de texto mais recente, caracterizado em sua grande maioria pelos manuscritos *unciais* (*maiúsculos*), *semi-unciais* e *minúsculos*. Ele é também o tipo de texto encontrado na Peshitta Siríaca, nas versões góticas e nas extensas citações dos padres¹⁹ da igreja, a partir de Crisóstomo.

Seu nome provém de onde se origina a maioria dos seus documentos – o Império Bizantino. É nele que se alicerça, entre outras, a versão da Bíblia para a língua portuguesa feita por João Ferreira de Almeida e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Recorde-se também que o texto bizantino nem sempre foi bem acolhido pelos exegetas e teólogos, em especial devido às críticas lançadas contra o seu principal representante: o *textus receptus* (*a segunda edição impressa do Novo Testamento grego preparada por Boaventura e Abraão Elzevir, na Holanda, em 1633*). Os estudiosos em geral entendem que o *textus receptus* se originou de manuscritos gregos medievais e, em sua maioria, bizantinos. Rejeitam-no, contudo, por entenderem que se encontra demasiadamente distante dos mais respeitados *apógrafos* (*cópias dos autógrafos*).

A quebra da hegemonia desse texto se deu, no século XIX, através dos trabalhos de *colação* (*confrontação ou comparação de determinado tipo de texto com outro*) e edição efetuados por L.

¹⁸ O texto bizantino recebe diferentes denominações. Entre elas, citam-se: siríaco (Westcott e Hort), oriental (Semler), asiático (Bengel) e tradicional (Burgon).

¹⁹ Enquanto a tradição católica usa o termo Padres da Igreja, o cristianismo protestante chama de Pais os antigos escritores cristãos, especialmente aqueles situados até o séc. V d.C.

Konstantin von Tischendorf. As pesquisas de Westcott e Hort²⁰ constituíram o clímax dessa ruptura, assumindo, desde então, o texto por eles defendido o lugar do *textus receptus*²¹.

Tal rejeição, porém, não foi unânime: algumas vozes, como a de John William Burgon²², levantaram-se e criticaram veementemente as teorias de Westcott e Hort. A partir de então, têm-se destacado duas correntes diametralmente opostas ao texto bizantino: aquela partidária de Westcott e Hort e a que acata os posicionamentos de Burgon.

Uma terceira atitude envolve o que se poderia chamar de *abordagem eclética* – a não preferência por qualquer tipo particular seja de texto, seja de manuscrito. Aqueles que fazem uso desse método tendem a avaliar as diversas variantes existentes, independentemente de sua origem – o julgamento é levado adiante tão-somente no nível das leituras e com base em critérios internos.

Essa abordagem, ainda que tente incluir as diversas variantes existentes, é bastante subjetiva: de certa forma, fica a critério do teólogo a escolha das variantes. Além disso, mesmo nos círculos acadêmicos onde se emprega o *eclétismo*, o texto bizantino tem sido raramente levado em consideração. Veja-se, a título de exemplo, a posição de J. Harold Greenlee, o qual, mesmo admitindo a possibilidade de, em alguns casos, as leituras bizantinas não deverem ser automaticamente (sem um exame acurado) descartadas, escreve: “a impressão geral dada por variantes fundamentalmente bizantinas é de caráter inferior e, provavelmente, não original” (Cf. GREENLEE, 1964: 91).

As dificuldades com o eclétismo fizeram com que surgisse

²⁰ F. J. A. Hort e B. F. Westcott foram líderes anglicanos de grande influência nas últimas décadas do século XIX. Westcott foi bispo em Durham e Hort lecionou em Cambridge. Os comentários, na área do Novo Testamento, escritos por Westcott, são considerados, até hoje, clássicos da literatura cristã. Cf. PICKERING, 1980, p. 212.

²¹ Um resumo desse período de transição e de suplantação do *Textus Receptus* pode ser examinado em COLWELL, 1969, p. 16-39.

²² Decano de Chichester, foi um dos grandes defensores do texto bizantino, dedicando-se ao seu estudo, especialmente nas últimas décadas do século XIX. Cf. METZGER, 1992, p. 135.

uma dose forte de desencanto com os principais elementos das teorias de WH, não obstante o texto bizantino ainda continuar sendo normalmente relegado a segundo plano. Isso, sem sombra de dúvida, alicerçado na consagrada teoria que afirma ser o texto bizantino oriundo de manuscritos mais recentes.

Westcott e Hort (os principais mentores dessa postura) defendiam a idéia da restauração do melhor texto do Novo Testamento grego, utilizando-se, em particular, dois manuscritos maiúsculos do séc. IV d.C. – o Sinaítico (a) e o Vaticano (B) (Cf. WESTCOTT & HORT, 1882: 150-151). Eles o denominaram de texto *neutro* e defenderam sua antiguidade e pureza. A seguir, partindo do pressuposto de que esse texto passara por uma revisão realizada de acordo com a tradicional erudição de Alexandria (Egito), chamaram-no de *alexandrino* (Cf. WESTCOTT & HORT, 1882: 210-212).

Hoje em dia, os estudiosos da área não sustentam a diferença entre texto neutro e alexandrino, procurando reunir os manuscritos de ambos em um só grupo. Afirmam que a coleção completa de *testemunhos* (*manuscritos, versões ou citações patrísticas que confirmam ou contrariam determinada variante*) representa uma modalidade do texto alexandrino. O seu valor é auferido por citações de Orígenes, pelas versões egípcias e, mais particularmente, pelo papiro de número 75.

Uma outra forma textual também considerada antiga por Westcott e Hort, dentre outros, é a denominada *ocidental*. Muito embora esse texto seja menos homogêneo do que o alexandrino, a sua idade não é questionada, pelo fato de haver uma ampla atestação proveniente da Patrística, que evidencia um número ainda maior e mais antigo de testemunhos do que aqueles pertencentes ao alexandrino. Westcott e Hort valorizaram muito pouco o texto ocidental afirmando ser ele corrupto e muito pouco confiável, salvo em alguns casos de omissão²³.

Atualmente, a opinião dos eruditos varia de modo considerável. Muitos se dispõem a conceder um espaço mais amplo às varian-

²³ Westcott e Hort cognominaram estas omissões de interpolações não-ocidentais. Para um aprofundamento no assunto, cf. WESTCOTT & HORT, 1882, p. 234-237.

tes do texto ocidental, contrapondo-se a Westcott e Hort; outros estão convictos de que esse tipo de texto preserva o Novo Testamento mais fielmente do que o egípcio. De uma ou outra maneira, grande parte dos teólogos afirma que as variantes de ambos os textos são mais antigas do que as do bizantino²⁴.

CONFRONTAÇÃO DAS LEITURAS E COLAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Na história da crítica textual do Novo Testamento grego, excluindo-se as pesquisas de Kirsopp Lake, com respeito à família 1, e as de W. Hugh Ferrar, referentes à família 13, ainda existem pouquíssimos trabalhos sobre cada um dos manuscritos disponíveis. Mesmo Kurt Aland e Bruce Metzger, as duas mais destacadas autoridades do século passado no campo da baixa crítica neotestamentária e também defensores ferrenhos do texto alexandrino admitem a generalidade das classificações atualmente empregadas para as diferentes lições cujos critérios, todavia, somente poderão ser, precisamente, avaliados através do estudo individual dos diversos documentos²⁵.

Em primeiro lugar, pelo valor material e histórico desses documentos; em segundo, pela importância filológica que venham a possuir, confirmando leituras presentes em outros exemplares ou confrontando variantes. E, por fim, da perspectiva do que hoje se conhece como *crítica genética*: *o texto que cada códice traz não deixa de constituir uma lição única – e foi nessa condição que ele esteve nas mãos de sucessivas comunidades como uma leitura autorizada dos evangelhos.*

²⁴ Um outro grupo de eruditos ainda fala de um quarto tipo de texto, o chamado cesareense. Descoberto mais tarde do que os anteriores a partir do estudo do grupo de manuscritos de Lake ou família 1, essa forma textual possui um número reduzido de variantes próprias e apresenta afinidades com os textos alexandrino e ocidental. Cf. METZGER, 1992, p. 214-215.

²⁵ Para uma avaliação dos principais métodos, ainda hoje, utilizados por editores do Novo Testamento grego, cf. ALAND & ALAND, 1989, p. 3-47, METZGER, 1992, p. 156-185.

Para uma avaliação dos principais métodos, ainda hoje, utilizados por editores do Novo Testamento grego, cf. ALAND & ALAND, 1989, p. 3-47, METZGER, 1992, p. 156-185.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ignorando-se a maior ou menor autenticidade das diferentes variantes, pretende-se, com este trabalho, analisar, nos níveis lingüístico e manuscritológico, a perícopes do Evangelho segundo Marcos que diz respeito ao batismo e à tentação de Cristo (1.9-13) da forma como foi transmitida pelo códice da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (manuscrito 2437).

QUADRO

Texto do manuscrito 2437	Variantes
1. kai. <u>vege, neto</u> ven evkei, nais tai/s h`merais h=lqen ivhsou/s	1.1. egeneto 1.2. kai 1.3. egeneto de
2. avpo. <u>Nazareq</u> th/s galilai, as)	2.1. nazaret 2.2. nazarat
3. kai. evbaptisqh <u>u`po. iwwa. nnou eivs to.n ivorda, nhn)</u>	3.1. eis ton iordanhn upo iwannou
4. kai. <u>euvqews avnabai, nwn</u>	4.1. euqus
5. <u>evpi. tou/ u`</u> , datos(ei=de scizome, nous tou.s ouvranou.s)	5.1. apo 5.2. ek
6. <u>kai. to. pneu/ma w`s peristera, nkatabai/non evpi auvto. n)</u>	6.1. kai to pneuma ws peristeran katabainon kai menon epi auton 6.2. kai to pneuma katabainon apo tou ouranou wsei peristeran kai menon ep auton
7. kai. fwnh. <u>evgeneto evk tw/n ouvranw/n)</u>	7.1. egeneto ek tou ouranou 7.2. ek tw n ouranwn 7.3. ek tw n ouranwn=\\ hkousqh
8. su ei= o` ui`o, s mou o` agaphto, s) evn <u>soi evudokh, sa) kai. evvqu.s to. pneu/ma auvto.n evkba, llei eivs th.n e;rhmon)</u>	8.1. w
9. kai. h=n <u>evkei/ evn th/ evrh. mw</u>	9.1. en th erhmw 9.2. ekei
10. <u>h`me, ras tessarakonta</u> peirazo, menos u`po tou/ satana/) kai. h=n meta. tw/n) qhri, wn	10.1. tessarakonta hmeras 10.2. hmeras tessarakonta 10.3. m hmeras
11. kai. oi- a, ggeloi dihkonoun autw/)	

DA CONFRONTAÇÃO DAS LEITURAS,
CONSTATA-SE O QUE SEGUE:

A fórmula introdutória *evge, neto kai*. (1), muito comum na Septuaginta e representando o equivalente hebraico a “e aconteceu que” (Cf. ZERWICK, 1963, p. 154), foi registrada, afora esta, sete vezes, no Evangelho de Marcos, pelo escriba que transcreveu o minúsculo 2437 (cf. Marcos 1.11; 2.23; 4.4; 9.3, 7, 26; 11.19). Enquanto *evge, neto de*. (1.3) evidencia um simples caso de diferença de estilo, as variantes mais curtas e mais difíceis, *evge, neto* (1.1) e *kai*. (1.2), podem muito bem constituir um exemplo de confluência com *evge, neto kai*. (1), expressão bastante sedimentada no manuscrito da Biblioteca Nacional.

A colocação do agente da passiva *u`po. vlwa, nnou* entre o verbo *evbapti, sqh* e o adjunto adverbial de lugar *eivj vlorda, nhn* (3) se encontra em perfeita harmonia com o estilo de Marcos 1.5, de acordo com o códice 2437 (*evbapti, sqh u`po. vlwa, nnou eivs to.n vlorda, nhn*). A mudança na ordem dos termos da frase (3.1–*evbapti, sqh ei, s to.n vlorda, nhn uvpo. vlwa, nnou*), provavelmente, ocorreu no intuito de harmonização com Mateus 3.6 (*e`bapti, zonto evn tw/| vlorda, nh| potamw/| u`po auvtou/*).

O copista responsável por 2437, sempre que necessário, empregou, no Evangelho de Marcos, o advérbio *euvqe, ws* (4) e não o seu sinônimo *euvqu, s* (4.1–cf. Mar. 1.10, 12, 18, 20, 21, 28, 29, 30, 42, 43; 2.8, 12; 3.6; 4.5, 15, 17, 29; 5.2, 29, 30, 42; 6.25, 27, 45, 50, 54; 8.10; 9.15, 20, 24; 10.52; 11.2, 3; 14.43, 45; 15.1).

Enquanto a variante *a`po*, (5.1) pode estar fundamentada no cuidado de conciliá-la com Mateus 3.16 (*a`po, tou/ u[datos*), a leitura de 2437 (5) talvez se tenha originado de Mateus 3.13 (*evpi, tou/ vlorda, nhn*).

Certamente, o zelo pela doutrina concernente ao Espírito Santo na vida e no ministério do Cristo, Deus-homem²⁶, deve ter condu-

²⁶ Já no primeiro século, o gnóstico Cerinto difundiu a doutrina que distinguia o sábio homem Jesus do Cristo divino. Este teria descido sobre Jesus, em forma de pomba, por ocasião do seu batismo, abandonando-o antes da sua crucificação. Cf. BRUCE, 1969, p. 416-417, ROBERTSON, 1930, p. 255.

zido escribas a redigirem as variantes: kai. to. pneu/ma w`'s peristera.n katabai/non kai. me, non evpi, auvto, n (6.1) e kai. to. pneu/ma katabai/non a`'po, tou/ ouvranou/ w`'sei, peristera.n kai. me, non evp' auvto, n (6.2); essas leituras, mais longas e mais fáceis do que as expostas pelo documento 2437, encontram base no texto de João 1.32, 33: [...] to. pneu/ma katabai/non h;|dein peristera, n evx ouvranou/ kai. e[meinen evp' au, to, n. [...] to. pneu/ma katabai/non kai. me, non e, p' auvto, n [...].

O uso do plural ouvranw/n, despontando diversas vezes no manuscrito 2437, evidencia, mais uma vez, a influência do hebraico no estilo do evangelista Marcos (cf.1.10; 11.25; 12.25; 13.25)²⁷. A omissão de evge, neto (7.1) pode ser entendida ou como acidental (erro involuntário) ou como uma imitação parcial de Mateus 3.17: kai. ivdou. fwnh. evk tw/n ouvranw/n le, gousa. A variante com hvkou, sqh (7.3) deve-se consistir num aprimoramento advindo de algum copista que tencionava tornar mais viva a presença de Deus na narrativa do batismo de Cristo.

Enquanto a leitura de 2437 (8– su,) é a mesma de Lucas 3.22, a variante ~w| (8.1) é idêntica à de Mateus 3.17. O escriba responsável pela redação do nosso códice talvez desejando ressaltar a inter-relação do Pai com o Filho inter-relação, empregou a segunda e não a terceira pessoa.

A lição evkei/ evn th|/ evrh, mw| (9) pode ser vista como resultado de evkei/ (9.2) e evn th|/ evrh, mw| (9.1), mais um provável exemplo de confluência (alongamento) exposto por 2437 (cf. o primeiro comentário).

DA COLAÇÃO DOS TESTEMUNHOS, DEPREENDE-SE O SEGUINTE:

O minúsculo 2437 é idêntico ao uncial A, representante da tradição bizantina nos Evangelhos, de acordo com as leituras escritas sob os números 3, 4, 7 e 10 (quatro lugares) e, às famílias 1 e 13, representantes da tradição cesarense, naquelas sob 2 e 7 (dois lugares).

²⁷ Cf. BLASS & DEBRUNNER & REHKOPF, 1990, p. 117.

O manuscrito 2437 afasta-se de **a**, documento pertencente ao texto alexandrino, nas lições registradas com os números 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9 e 10 (oito lugares).

O códice 2437 separa-se de **B**, documento que também pertence ao texto alexandrino, nas leituras que se encontram sob os números 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9 e 10 (oito lugares).

A fonte documental 2437 discorda de **D**, arquétipo da tradição ocidental, nas lições marcadas com os números 7 e 9 (dois lugares).

A leitura **evpi**, (5) foi encontrada somente no códice da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

O criterioso exame da perícopes sobre o batismo e a tentação de Cristo da forma como mostra o códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro permite asseverar que (pelo menos nesse trecho) tal manuscrito consiste em mais um testemunho do texto bizantino somente até onde ele difere das leituras alexandrinas, em particular daquelas presentes em **a** e **B**. Por outro lado, verifica-se que, em muitos versículos, o documento 2437 apresenta concordâncias importantes com as famílias 1 e 13, como ainda com o maiúsculo **A**.

A minuciosa análise dessa perícopes também permite afirmar que as leituras apresentadas pelo códice 2437 são claras, completas, de fácil compreensão. Sem dúvida, tais traços não as distanciam, quanto ao estilo, da coine do período neotestamentário, nem da simplicidade peculiar ao Evangelho segundo Marcos, evangelho esse tão comprometido com os de Mateus e Lucas, numa evidência de indiscutível intertextualidade.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, K. et al. (Hg.). *Novum Testamentum Graece*. 27. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993. (Nestle-Aland²⁷)

———. ALAND, B. *Der Text des Neuen Testaments – Einführung in die wissenschaftlichen Ausgaben sowie in Theorie und Praxis der modernen Textkritik*. 2. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1989.

ALAND, B. et al. (Eds.). *The Greek New Testament*. 4^a ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993. (UBS⁴)

BACHMANN, H., SLABY, W. A. *Konkordanz zum Novum Testamentum Graece*. 3. Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 1987.

BAUER, W. *Griechische – deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*. 6. Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.

BLACK, M. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. 3^a ed. Peabody: Hendrickson, 1967.

BLASS, F., DEBRUNNER, A., REHKOPF, F. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*. 17. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1990.

BRUCE, F. F. *New Testament History*. New York: Doubleday, 1971.

COLWELL, E. C. *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*. Leiden: E. J. Brill, 1969.

DAIN, A. *Les Manuscrits*. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

GREENLEE, J. H. *Introduction to the New Testament Textual Criticism*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

HODGES, Z. C., FARSTAD, A. L. (Eds.). *The Greek New Testament According to the Majority Text*. 2^a ed. Nashville: Thomas Nelson, 1985. (Hf.)

METZGER, B. M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. 2^a ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1971.

———. *Chapters in the History of New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. *The Text of the New Testament – Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 3ª ed. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.

PAROSCHI, W. *Crítica textual do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PICKERING, W. N. *The Identity of the New Testament Text*. Nashville: Thomas Nelson, 1980.

ROBERTSON, A. T. *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*. Nashville: Broadman, 1925.

———. *Word Pictures in the New Testament*. v. 1. Grand Rapids: Baker Book House, 1930.

STURZ, H. A. *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism*. Nashville: Thomas Nelson, 1984.

WESTCOTT, B. F., HORT, F. J. A. *Introduction to the New Testament in the Original Greek*. Peabody: Hendrickson, 1882. (WH)

ZERWICK, M. *Biblical Greek Illustrated by Examples*. Roma: Editrice Pontificio Instituto Biblico, 1963.

ZIMMERMANN, H. *Neutestamentliche Methodenlehre – Darstellung der historisch-kritischen Methode*. 7. Aufl. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1982.